

AVIDA COM BAIXA VISÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: Desenvolvendo recursos didáticos para melhor aprendizado desse público.

Simone Moreira Santos ¹

Maria de Lourdes Fernandes de Medeiros ²

RESUMO

Essa pesquisa objetiva, por meio da parceria entre sala de aula regular e a sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE, desenvolver recursos educacionais voltados para alunos com baixa visão, mostrando a importância dessa parceria para a garantia do desenvolvimento desses alunos. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Básica Santa Luzia, localizada na cidade de Penedo, município de Alagoas. O presente estudo trata-se de uma pesquisa ação, na qual foi desenvolvida em parceria com a professora da sala de AEE da citada instituição de ensino. A entrevista com a profissional foi feita por meio de um questionário semiestruturado. Através desse contato com a sala de recursos, foi possível construir diversos recursos que auxiliarão os alunos com baixa visão a compreender melhor os conteúdos ministrados na sala de aula. Ao responder o questionário a professora da sala de AEE, ressalta que ao longo dos seus 10 (dez) anos de trabalho, nunca vivenciou essa experiência, achando de grande valia essa parceria. Ressalta ainda que as salas de recursos de muitas escolas públicas, inclusive essa do local da pesquisa, sofrem com a falta de recursos, sendo fundamental o abastecimento desses espaços e a elaboração de recursos fazendo uso de materiais acessíveis, como os reciclados. Destarte espera-se que esta pesquisa tenha despertado a atenção desses profissionais e instigue-os a trabalharem em conjunto, elaborando e executando um planejamento integrado, almejando maior eficácia no desenvolvimento dos alunos, promovendo de fato uma educação inclusiva para os alunos atípicos.

PALAVRAS-CHAVE: Visão, Parceria, Escola, AEE, Recursos.

¹ Formada em Língua Portuguesa e Pedagogia. Possui pós-graduação em Educação Especial na Perspectiva Transdisciplinar.

² Graduada em Pedagogia e mestra em Ambiente, Tecnologia e Sociedade.

ABSTRACT

This research aims to develop educational resources for students with low vision through a partnership between a regular classroom and a special education classroom, demonstrating the importance of this partnership in ensuring their development. The research was conducted at the Santa Luzia Municipal Elementary School, located in the city of Penedo, Alagoas. This action research study was developed in partnership with the teacher of the special education classroom at the educational institution. The interview with the teacher was conducted using a semi-structured questionnaire. Through this interaction with the resource room, it was possible to develop several resources that will help students with low vision better understand the content taught in the classroom. When answering the questionnaire, the special education classroom teacher emphasized that in her 10 years of experience, she had never experienced this before and found this partnership to be invaluable. She also emphasizes that resource rooms in many public schools, including the one where the research was conducted, suffer from a lack of resources. It is essential to stock these spaces and develop resources using accessible materials, such as recycled materials. Therefore, it is hoped that this research has captured the attention of these professionals and encouraged them to work together, developing and implementing integrated planning, aiming for greater effectiveness in student development and truly promoting inclusive education for atypical students.

KEYWORDS: Vision, Partnership, School, SEA, Resources.

1- INTRODUÇÃO

A vida de qualquer ser humano é dotada de diversos obstáculos, sejam eles de cunho psicológico, financeiro, saúde comprometida, perda de um familiar ou amigo (a) especial, entrada na adolescência, primeiro emprego, etc. Tais obstáculos tornam-se mais acentuados quando o indivíduo possui algum tipo de deficiência, como por exemplo, a deficiência visual, pois sem o funcionamento adequado deste tão importante sentido, as barreiras encontradas na vida tornam-se mais desafiadoras, sendo preciso a formulação de estratégias adequadas para vencê-las. Sem dúvidas, conviver sem a visão ou até mesmo com baixa visão não é tarefa fácil, sobretudo para aqueles que nasceram com a visão preservada e a perdeu por algum motivo em algum momento da vida. Tais barreiras somente poderão ser superadas se todos envolvidos na vida dessas pessoas (familiares, amigos, escola, etc) colaborarem para isso.

No contexto escolar, as barreiras encontradas, muitas vezes, são tão difíceis de derrubar que muitos alunos desistem e não voltam mais a frequentar as escolas. Fatores como despreparo dos profissionais, falta de profissionais mediadores e de apoio, espaços físicos das instituições inadequados, falta de recursos pedagógicos adaptados, salas de Atendimento Educacional Especializado com pouco recursos, preconceito, etc.

Outra problemática muito comum é o isolamento das salas de recursos das salas regulares, com pouco contato entre professores do Atendimento Educacional Especializado com os profissionais das salas regulares. Essa realidade é muito preocupante, visto que, a união desses dois setores resultará no desenvolvimento de recursos didáticos especializados, que facilitarão a aprendizagem desses alunos, tornando o aprendizado mais fortalecido.

Diante destas constatações, essa pesquisa objetiva, por meio da parceria entre sala de aula regular e sala de AEE, desenvolver recursos educacionais voltados para alunos com baixa visão, promovendo assim o bem-estar e aprendizado desses alunos, ao mesmo tempo mostrará a importância dessa parceria para a garantia do desenvolvimento acadêmico dos mesmos. Assim, ao final da pesquisa pretendemos responder o seguinte problema de pesquisa: A parceria entre sala de AEE e sala regular na elaboração de recursos pedagógicos é importante para fortalecer o aprendizado dos alunos e alunas com baixa visão?

Portanto, no presente estudo iremos abordar os desafios enfrentados pelos alunos com baixa visão e propor estratégias de ensino, fazendo uso de materiais adaptados, muitos dos quais confeccionados com materiais recicláveis, todos desenvolvidos de forma colaborativa com a profissional da sala de recursos da escola escolhida como campo de estudo.

2 – DESENVOLVIMENTO

2.1 Revisão de literatura

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) é o documento que rege a educação inclusiva. Tendo como principal objetivo a inclusão escolar de alunos e alunas com deficiências, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, assim como a oferta de AEE e profissionais capacitados para atender esse público. Como visto, o supracitado documento ressalta o direito dos alunos em ter salas de AEE a sua disposição.

É inegável que a educação inclusiva vem ganhando cada vez mais espaço e permitindo que pessoas com deficiência frequentem as escolas comuns, porém muitos ajustes ainda precisam ser feitos para que, de fato, ocorra a inclusão. O exemplo disso são as salas de AEE que muitas vezes parecem um ambiente a parte, que está dissociado da escola, apesar de estar dentro dela, contrariando o que diz o Projeto Político Pedagógico – PPP.

O PPP prevê ações de acompanhamento e articulação entre o trabalho do professor do AEE e os professores das salas comuns, ações de monitoramento da produção de materiais didáticos especializados, bem como recursos necessários para a confecção destes. (ROPOLI; MANTOAN; SANTOS; MACHADO, 2005, P.40)

Apesar de estar previsto no PPP das instituições de ensino, essa realidade ainda não é muito vista, pois conforme aponta (Nascimento e Silva, 2019) “O que se tem aqui é a sala de AEE trabalhando como órgão diferente da sala de aula regular, totalmente a parte do trabalho realizado com os professores das salas de aula”. Isso torna o sucesso da inclusão, difícil de acontecer, pois o professor de AEE está capacitado para promover adaptações nas atividades imposta aos alunos, ou seja, esse profissional suplementa e/ou complementa os conteúdos apresentados em sala de aula.

Ao suplementar, o professor de AEE pode, por exemplo, introduzir técnicas de leitura diferentes, facilitando e melhorando o desempenho do aluno em português, e, conseqüentemente, nas outras matérias. Pode também usar uma abordagem diferente para que o aluno atendido aprenda a somar ou subtrair de forma mais eficaz, auxiliando o aprendizado em matemática pelo estudante. (SILVA, 2019).

Sem dúvidas, a presença das salas de recursos nas escolas, são cruciais para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos e alunas, pois, “ O AEE é um serviço da educação especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de

acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (SEESP/MEC, 2008).

Nesse contexto, o AEE se configura como o conjunto de atividades didático-pedagógicas organizadas por meio do Plano de AEE, desenvolvido por profissional capacitado, objetivando eliminar as barreiras para a plena participação de todos e todas no processo de aprendizagem, considerando suas necessidades específicas; organizado para complementar e/ou suplementar a formação dos discentes. No entendimento de que, o AEE é uma das dimensões e serviços promovidos na perspectiva da educação especial para a educação inclusiva, e como modalidade de ensino perpassa todos os níveis, etapas e modalidades da educação.

Em relação aos profissionais que atuam na Educação Especial e mais especificamente no AEE, estes têm atribuições específicas tais como: elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos e estratégias de acessibilidade, considerando as necessidades específicas dos alunos e alunas; trabalhar colaborativamente na acessibilidade dos materiais didático-pedagógicos, recursos e serviços de Tecnologia Assistiva utilizados pelo discente ou as adaptações realizadas, em parceria com os demais professores da sala de aula regular onde o aluno ou aluna estuda. A partir dessas atribuições os professores regentes e mediadores da educação especial cumprem um papel fundamental na vida desses alunos, pois os mesmos são responsáveis pela suplementação e/ou complementação dos conteúdos de forma mais acessível possível, de acordo com o nível de compreensão de cada aluno, ou seja, fazendo uso de mapas mentais, resumos, apoio visual, usando palavras simples, etc. Conforme aponta (ARAUJO; XAVIER; FREITAS, 2017).

A articulação e a colaboração entre o profissional de apoio com professores regentes da sala de aula regular são de fundamental importância, essa ação colaborativa entre o mediador da Sala de Recursos Multifuncionais - SRM e todos os profissionais da escola na busca por uma inclusão escolar mais efetiva potencializa o fazer pedagógico de todos que compõem a instituição de ensino, pois possibilita o acolhimento dos alunos e alunas, promovendo o desenvolvimento de habilidades e na sequência desenvolve as competências individuais em cada um.

No caso de alunos e alunas com baixa visão, por exemplo, o apoio e os serviços do professor do AEE na sala de aula possibilitam e garantem uma maior e melhor participação dos discentes nas aulas, pois darão suporte na captação dos conteúdos, tanto da escrita, quanto na leitura, promovem a audiodescrição, colocando a pessoa com baixa visão a par de todas as

situações que acontecem ao seu redor, além de fazer uma síntese sistemática dos conteúdos trabalhados em sala.

Muitas são as funções do trabalho do professor de apoio, aqui citamos algumas como: a observação das necessidades da criança, estabelecimento de metas de trabalho juntamente com o professor da turma ou da disciplina, busca e elaboração de recursos e materiais didáticos, planejamento cooperativo (professor de apoio, professor da turma, professor especializado...), fazer parte da rotina da turma, acrescentando um olhar ao grupo e a cada um, avaliando juntamente com o professor o processo de ensino-aprendizagem. (SILVA e MARCIEL, 2001).

Sem a presença dos professores do AEE no ambiente escolar, os professores das salas regulares, teriam bastante dificuldades em acolher de forma eficaz os alunos e alunas que precisam de mais suporte, de uma forma adequada e adaptada, visto que, precisam dar atenção a todos os alunos e alunas da sala. Assim, para que a educação inclusiva seja de fato efetiva, são fundamentais a presença e o alinhamento das ações dos professores do AEE e os demais profissionais responsáveis pela formação dos alunos no ambiente escolar, promovendo benefícios não apenas para os alunos com deficiência e/ou alguma necessidade educacional específica, mas para toda a escola.

2.2 Deficiência visual: Cegueira e baixa visão

A organização Mundial da Saúde classifica deficiência visual em dois níveis: Cegueira e Baixa visão. Tais condições são provenientes de doenças como: **Retinose Pigmentar, Atrofia do nervo óptico, catarata, retinopatia da prematuridade, glaucoma, toxoplasmose ocular congênita, diabetes, etc.**

A visão sem dúvidas, é um dos 5 (cinco) sentidos mais importante para todos os seres vivos. Quando o indivíduo nasce sem esse sentido (cegueira congênita), ele vai ao longo da vida buscando meios de driblar as limitações causadas pela falta da visão, buscando nos outros sentidos remanescentes, alternativas para compensar a falta de visão. Essa situação, torna-se mais desafiadora quando o indivíduo perde a visão ao longo da vida (cegueira adquirida), pois, terá que se adaptar à uma nova realidade, que antes não fazia parte da sua vida.

De acordo com Hamada et.al (2009) cegueira pode ser causada por anomalias na córnea, nervo óptico, retina, entre outros. Essas mesmas autoras ainda ressaltam que os indivíduos podem ter cegueira congênita (catarata, glaucoma, albinismo, etc) ou adquirida ao longo da vida.

Conforme consta no decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004, artigo 5º, parágrafo 1º, inciso I, a deficiência visual pode ser caracterizada como cegueira:

A acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção ótica, a baixa visão que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho. Com a melhor correção ótica, os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º, ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores. (BRASIL, 2004).

Quanto a baixa visão, as limitações são menores em relação à cegueira, pois os indivíduos possuem resíduos visuais que limitam menos suas funções rotineiras.

2.3 Local do estudo/ Campo de estudo

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Básica Santa Luzia, localizada na cidade de Penedo, Município de Alagoas. Das 30 escolas pertencentes a rede municipal, a supracitada escola é a que mais tem alunos, cerca de 1.200, distribuídos nos turnos matutino e vespertino.

Desses alunos, 125 (cento e vinte e cinco) são neurodivergentes, sendo 15 (quinze) com baixa visão.

A Tabela 1 mostra o número de cômodos da escola.

TABELA 1: Divisões da escola.

COMODOS	NÚMERO
Salas de aula	20
Sala de AEE	1
Sala da direção	1
Auditório	1
Sala de Coordenação	2
Secretaria	1
Cantina	1
Banheiro	6
Galpão	1
Almoxarifado	1

Fonte: organização da autora (2025)

A sala de AEE funciona nos dois turnos: matutino e vespertino e conta com uma psicopedagoga que trabalha nos dois turnos. Na supracitada sala encontra-se diversos recursos que auxiliam no desenvolvimento dos alunos (Figura 1).

Figura 1: Recursos da sala de AEE.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Diversas atividades são desenvolvidas na sala de recursos: atividades manuais, atividades com jogos, pinturas, etc. As práticas são selecionadas de acordo com as especificidades de cada aluno. Além desses recursos, muitos materiais recicláveis também são utilizados no desenvolvimento das práticas.

2.4 Metodologia da pesquisa

A Pesquisa-ação é conhecida como uma estratégia metodológica, um tipo de pesquisa que trabalha com uma ação, imbuída na resolução de um problema. De acordo com Barbier (2007), é uma investigação prática que evidencia seus esforços, análises e reflexões na possível solução ou proposição de intervenção ao problema levantado pelo pesquisador e participantes do contexto observado.

A opção por esta metodologia de pesquisa deu-se pela própria ação da técnica “pesquisa-ação” dentre outros tipos de investigação-ação, esta se define pelo uso que faz dos caminhos usados para solucionar a situação problema, ou seja, produzir a descrição dos efeitos das mudanças da prática no ciclo da investigação-ação. Assim sendo, Richardson (2012), defende a metodologia de pesquisa citada como um processo de melhora da prática,

ou seja, a ação-reflexão, portanto é importante recorrer a ela para compreender as situações, planejar melhoras eficazes e explicar resultados.

Neste contexto, esta pesquisa procura fazer o reconhecimento e uma análise situacional tentando produzir uma ampla visão das práticas atuais, dos participantes envolvidos. Paralelamente a projetar e propor a mudança para a melhoria da prática, o reconhecimento segue exatamente o mesmo ciclo da pesquisa-ação, planejando como monitorar e avaliar a situação atual, fazendo isso e, a seguir, interpretando e avaliando os resultados a fim de planejar uma mudança adequada da prática da pesquisa-ação.

Esta proposta foi desenvolvida em parceria com a professora da sala de AEE da Escola Municipal de Educação Básica Santa Luzia. Antes de dar início a pesquisa, foi necessário fazer a leitura de diversos materiais sobre o tema, encontrados em artigos científicos, páginas na internet, vídeos com falas de especialistas e em livros. Após esse momento de familiarização com o tema, o próximo passo foi fazer uma entrevista com a psicopedagoga da sala de AEE, sendo possível constatar entre outras informações, como ela trabalha com os alunos com baixa visão matriculados na instituição de ensino. A entrevista com a profissional foi feita por meio de um questionário semiestruturado, ou seja, apresentando questões abertas e fechadas. As perguntas feitas estão dispostas na tabela 2:

TABELA 2: Questionário usado na entrevista com a professora do AEE.

- 1- Quanto tempo de experiência você tem no AEE?
- 2- O que você acha da parceria entre sala de aula regular e sala de recursos?
- 3- Essa parceria existe, ou ainda precisa melhorar mais?
- 4- Os recursos presentes na escola são suficientes para o trabalho com alunos que possuem baixa visão?
- 5- Quais recursos podem ser usados na produção de materiais didáticos para alunos com baixa visão?
- 6- Você considera que a inclusão de alunos com baixa visão está sendo eficaz?
- 7- Você considera a escola preparada para receber alunos cegos e com baixa visão?
- 8- Quantos alunos com deficiência visual você atende?
- 9- Você acha que os profissionais que atendem nas salas de AEE tem condições de dar suporte aos professores mediadores da educação especial, na elaboração de recursos para auxiliar na compreensão dos conteúdos

ministrados na sala de aula?

10- O uso de materiais recicláveis é importante para a elaboração dos recursos?

Fonte: Arquivo da autora.

De acordo com Barros e Lehfeld (2000, p.58) “A entrevista semiestruturada estabelece uma conversa amigável com o entrevistado, busca levantar dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando-se os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa”.

Conforme já citado, são 15 (quinze) alunos com baixa visão matriculados na instituição, cursando o 4º ano, 7º ano e 9º ano. Diante dessa informação, foram analisados os conteúdos ministrados nessas series juntamente com as professoras mediadoras que acompanhavam esses alunos, foram desenvolvidos materiais táteis para auxiliar no aprendizado dos alunos nessas condições e até mesmo com outras deficiências. Para isso, utilizamos materiais recicláveis, EVA, cola de isopor, cola branca, papel chamex, tinta guache e canetas coloridas. Todos recursos desenvolvidos foram relacionados com os temas propostos pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

Segue abaixo, alguns dos recursos produzidos.

Figura 2: Capa do livro de Ciências.



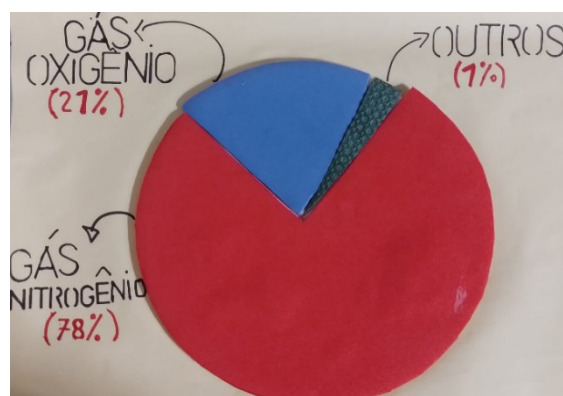
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3: Ciclo da água.



Fonte: Arquivo pessoal.

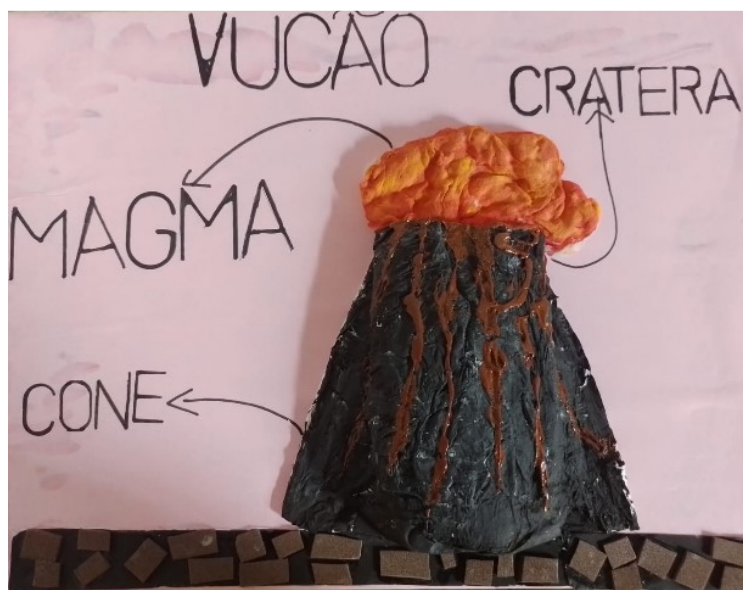
Figura 4: Volume de gases no ar atmosférico.



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 3 representa um esquema simples do ciclo da água, na qual foi desenvolvida com EVA. Através dela o aluno terá uma noção de como a água circula em nosso planeta. A figura 4 representa a distribuição dos gases na atmosfera. A supracitada imagem feita com EVA possibilita ao aluno com baixa visão compreender quais os gases mais abundantes e os menos abundantes através da divisão das camadas em cores diferentes.

Figura 5: Representação de um vulcão.



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 5 representa um vulcão em alto relevo, no qual foi criado com papelão, algodão, tinta e cola. Através desse recurso, os alunos com baixa visão sente o formato e visualiza como é um vulcão.

Figura 6: Representação das partes do olho humano.



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 6 representa partes de um olho humano. Para a montagem desse recurso foi utilizado isopor de frios, EVA e canetas coloridas. A função desse recurso é possibilitar ao aluno com baixa visão visualizar as partes que compõe o olho humano.

Figura 7: Placas tectônicas



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse recurso (figura 7) representa as placas tectônicas, nas quais foram desenvolvidas com madeira proveniente de um movel desmontado e EVA. Através desse recurso o aluno

poderá compreender através do tato e da disposição das peças o processo de deslizamento das placas tectônicas. Para melhor compreensão dos alunos, as placas estão soltas, possibilitando ao professor move-las a medida que explica o conteúdo para os alunos.

Figura 8: Representação do planeta terra.



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 8 representa o Planeta Terra. Esse recurso foi feito com EVA e isopor de frios. Através dele o aluno conseguirá visualizar como o planeta terra é.

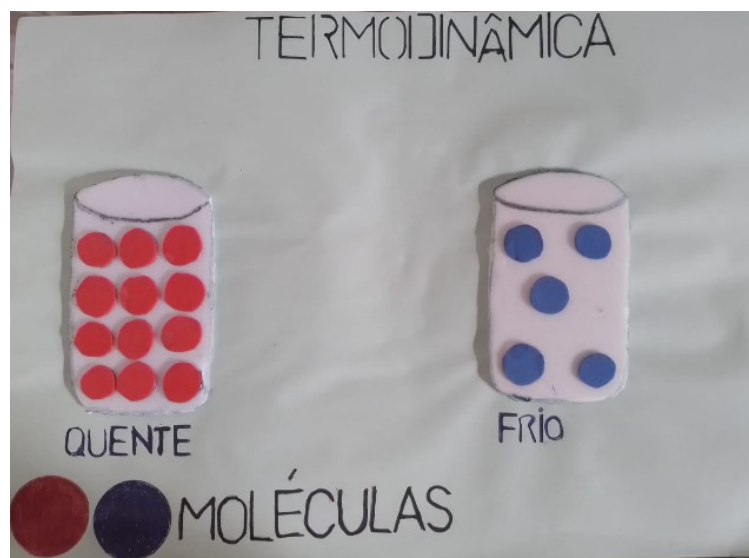
Figura 9: Representação do ciclo da água.



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 9 representa o ciclo da água feito com ajuda de um aluno com baixa visão. Nela o aluno colou as figuras em EVA e foi escrevendo a função de cada componente.

Figura 10: Representação das moléculas no líquido quente e frio.



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 10 representa a disposição das moléculas no líquido quente e no líquido frio. Através desse recurso desenvolvido com isopor de frios e EVA, o aluno consegue visualizar como as moléculas se comportam diante das diferentes temperaturas.

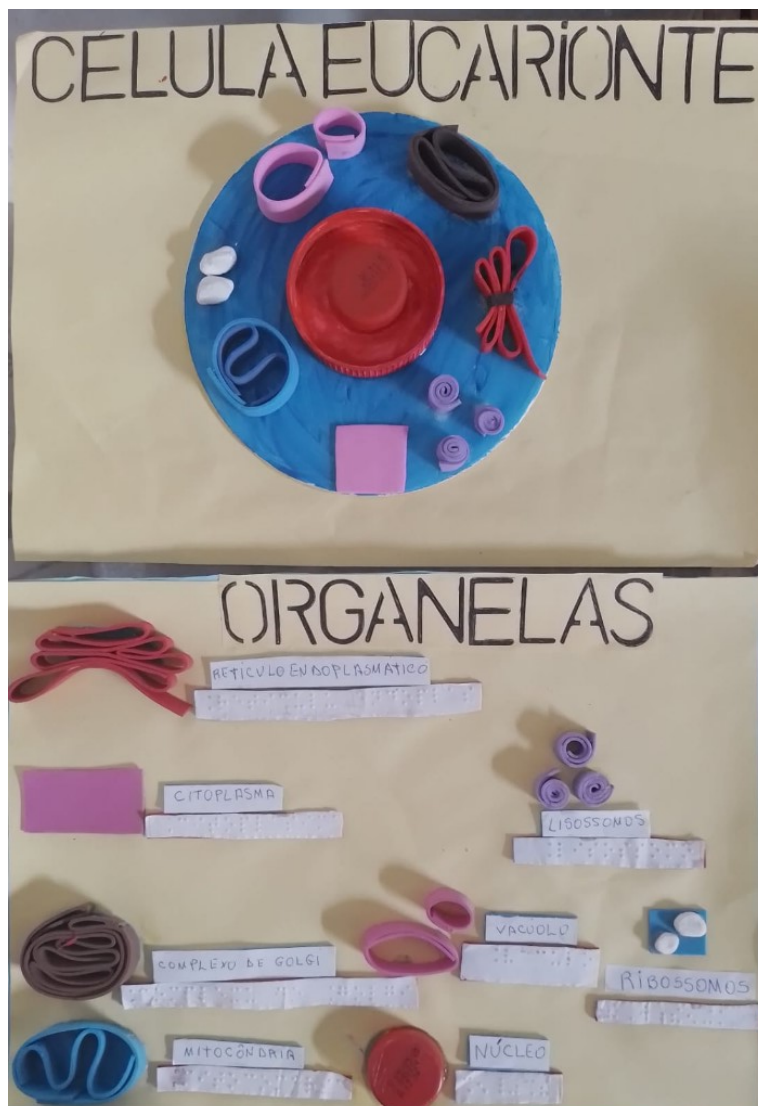
Figura 11: Representação das camadas da terra



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 11 representa as camadas da terra. Produzida com EVA e isopor de frios, esse recurso possibilita o aluno com baixa visão identificar as camadas através do toque e da diferenciação das cores.

Figura 12: Célula Eucarionte e suas organelas.



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 12 representa uma célula eucarionte, feita com EVA, isopor de frios, tampas plásticas e pedrinhas. Através desse recurso o aluno consegue compreender através do tato e da visualização das cores as organelas que compõe a célula eucarionte. Nas legendas com os nomes das organelas também foram colocados os nomes em braile.

Conforme observado, esse artigo deteve-se a expor recursos desenvolvidos para a disciplina de Ciências, visto que, devido ao pouco tempo entre o desenvolvimento dessa pesquisa até o prazo limite para seu termino, não foi possível o desenvolvimento de outros recursos com temas de outras disciplinas. Assim tendo em vista a relevância dessa prática, outros recursos das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática estão sendo desenvolvidos e serão deixados na sala de AEE da escola, posteriormente publicados em um novo artigo.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse contato com a sala de recursos ao longo de seis meses, foi possível construir diversos recursos que auxiliarão os alunos com baixa visão a compreender melhor os conteúdos ministrados na sala de aula. Essa parceria também possibilitou a união entre esses dois setores da escola, que até então “caminhavam” separados, ou seja, a sala de recursos, que antes limitava-se a trabalhar isoladamente, fazendo uso de atividades voltadas para o desenvolvimento mental e físico, mas não com os conteúdos ministrados na sala de aula, passou a colaborar com a sala regular na elaboração de recursos que facilitarão o aprendizado dos conteúdos apresentados em sala de aula.

Corroborando com essas ideias FIGUEIREDO (2010) afirma que:

A colaboração entre os diversos agentes da escola tais como gestores e equipe técnica, professores de sala comum e os professores do AEE é imprescindível para o desenvolvimento de uma prática sintonizada com as necessidades dos alunos. Estes profissionais devem aprender a trabalhar juntos e orquestrar seus esforços em favor do desenvolvimento de uma educação de qualidade (FIGUEIREDO, 2010, P.53).

Ao responder o questionário a professora da sala de AEE, ressalta que ao longo dos seus 10 (dez) anos de trabalho, nunca vivenciou essa experiência, achando de grande valia essa parceria. Ela ressalta ainda que as salas de recursos de muitas escolas públicas, sofrem com a falta de recursos, sendo fundamental o abastecimento desses espaços e a elaboração de recursos fazendo uso de materiais acessíveis, como os recicláveis. Além disso, pontua que a escola está preparada em partes para acolher alunos com baixa visão, pois conta com profissionais capacitados, porém a falta de recursos ainda dificulta o bem-estar dos alunos com deficiência. A escola conta com 8 (oito) alunos com baixa visão, sendo 6 (seis) atendidos por ela. Ela finaliza a entrevista ressaltando que as salas de recursos devem estar abertas para os professores, sendo fundamental essa parceria na elaboração dos recursos e que essa experiência que tivemos mostrou isso.

Assim, esse artigo mostrou o quanto é fundamental o contato entre sala de recursos e sala regular. Corroborando com essa constatação, Oliveira e Monteiro (2016), constatou em seus estudos que:

O maior problema detectado nessa pesquisa é a falta de um planejamento integrado com a professora da sala regular com a professora do AEE, pois não se concebe uma educação inclusiva com um trabalho feito de forma isolada. O AEE por si só não garante a aprendizagem dos alunos com

necessidades especiais, a interação da professora da sala regular com a professora da sala do AEE é de extrema importância necessitando que as ações sejam planejadas de modo a provocar rupturas com antigas concepções, através de diálogo reflexivo, levando-os a trabalharem para o alcance de objetivos comuns, respeitando a diversidade de ideias, valores, crenças e estilos de vida de todos os envolvidos na comunidade escolar. (OLIVEIRA E MONTEIRO p.8, 2016).

É imprescindível o envolvimento dos professores das salas de AEE com os das salas regulares, com o propósito de alcançar o desenvolvimento dos alunos atípicos. Este fato vem de encontro com as constatações que Sage (1999) faz. Segundo ele, todos são responsáveis pelo processo educacional, tanto os professores das salas de AEE como os das salas regulares, não podendo tal função ficar a cargo de um único profissional.

Destarte espera-se que esta pesquisa tenha despertado a atenção desses profissionais e instigue-os a trabalharem em conjunto, elaborando e executando um planejamento integrado, almejando maior eficácia no desenvolvimento dos alunos, promovendo de fato uma educação inclusiva para os alunos atípicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Luana, Adriano; XAVIER, Beatriz, Rego; FREITAS, Raquel, Coelho de. **A precariedade do fornecimento de PA educacional ao aluno com deficiência em Fortaleza/CE.** IN: Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: O ensino e a aprendizagem em discussão, 1., 2017, Porto Alegre. Anais [...] Porto Alegre, 2017.

BARBIER, Renée. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. p. 03 - 36. ISBN: 85-98843-01-6 (Série Pesquisa, v.3).

BARROS, Aidil Jesus. da Silveira; LEHFELD, Neide, Aparecida, de Souza. **Fundamentos de metodologia científica.** Ampliada. São Paulo (SP): Pearson educativa do Brasil, 2000.

BRASIL. Decreto nº5.296, de 02 de dez. de 2004. Dispõe sobre a regulamentação as leis nº. [10.048](#), de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e a 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Brasília, 2004. Acesso em: 23 de maio de 2025.

BUENO, José Geraldo Silveira; FERREIRA, Júlio Romero. **Políticas Regionais de Educação Especial no Brasil**. 2000.

HAMADA, Raquel, Akemi; RIZARDI, Carolina Martins; MORAES, Fabiane, Costa; SALVIATI, Mariana, Rodrigues e FORNAZARI, Silvia. Aparecida. **Cegueira e deficiência visual: Uma revisão bibliográfica**. Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. Universidade Federal de Londrina, 2009.

OLIVEIRA, Luciana, Rodrigues e MONTEIRO, Edna, Câmara. **A Relação entre as práticas pedagógicas do AEE E da sala de aula comum em uma escola da rede municipal de Campina Grande (PB)**. IN: II Congresso Internacional de Educação Inclusiva. 2016, Campina Grande.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo, SP: Atlas, 2012.

SAGE, Daniel De. **Estratégias Administrativas para a realização do ensino inclusivo**: In: Stainback, Susan Stainback William (orgs) **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SEESP, MEC. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008.

SILVA, Lindóia, Maria da; NASCIMENTO, Luís, Hermínio do. **Inclusão educacional e as salas de A.E.E: Dificuldades impostas pelo sistema educacional**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 12, Vol. 08, pp. 40-51. Dezembro de 2019. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/inclusao-educacional>. Acesso em: 21 de Julho de 2025.

SILVA, Karla, Fernand, Wunder da; MACIEL, Rosângela, Von, Mühlen, Maciel. **Inclusão escolar e a necessidade de serviços de apoio: como fazer?** Revista Educação Especial, Santa Maria, p. 107-115, 2011. <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4405/2578> . Acesso em: 17 fev. 2025.

